

FOTOGRAFIAS DE MARCEL GAUTHEROT SOBRE A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA NA REVISTA MÓDULO

Heloisa Espada¹

Esta apresentação é um resultado parcial das pesquisas realizadas no âmbito da tese “Como fotografar Brasília: a imagem da capital na produção de artes visuais do país”, desenvolvida junto ao programa de pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da USP. Um dos objetos de análise do trabalho é parte da obra fotográfica sobre Brasília realizada por Marcel Gautherot, entre aproximadamente 1957 e início dos anos 1970.

Neste período, o fotógrafo francês viajou diversas vezes para fotografar a construção e os primeiros anos da nova capital federal, sendo provavelmente comissionado por Oscar Niemeyer e, no início dos anos 1970, por Roberto Burle Marx, para quem registrou seus projetos de jardins do Palácio do Itamaraty. Em depoimento à pesquisadora Ana Luiza Nobre, em 2000, o arquiteto Alcides Rocha Miranda afirma que Marcel Gautherot viajou à Brasília também a serviço de agências de publicidades francesas e da Air France². No contexto dessa mesma pesquisa desenvolvida a pedido do Instituto Moreira Salles durante os preparativos da exposição “O Brasil de Marcel Gautherot” realizada pela instituição em 2001, Ana Luiza Nobre entrevistou também Janine Gautherot e Olivier Gautherot, esposa e filho do fotógrafo, que confirmaram que Marcel vendia fotografias para a Air France e para a empresa Aerospatiale. Além desses depoimentos, entrevistas com os arquitetos Augusto da Silva Telles e Marcos Jaimovich realizadas pela mesma pesquisadora sugerem que Gautherot fotografou Brasília seguindo o modelo de trabalho *freelancer* que adotou desde que se radicou no Brasil, em 1940, quando passou a colaborar com regularidade para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, para arquitetos modernos, para a Campanha Nacional do Folclore e para empresas como a Companhia de Seguros Sul América. Segundo esses depoimentos, o fotógrafo muitas vezes viajava por conta própria para depois vender suas fotos para órgãos públicos, empresas ou arquitetos. Embora colaborasse com frequência para as instituições mencionadas, nunca teve um vínculo formal com nenhuma delas. Ele costumava vender cópias de fotografias, mantendo consigo os negativos, o que permitia que comercializasse a mesma imagem para mais de um cliente.

Oscar Niemeyer, em depoimento a Ana Luiza Nobre, afirma que Marcel Gautherot fotografou Brasília a seu pedido, o que pode ser comprovado pelo fato do arquiteto ter se utilizado amplamente das fotos de Gautherot para divulgar suas obras em livros, revistas e exposições. A parceria entre o arquiteto e o fotógrafo foi iniciada nos anos 1940, quando Gautherot registrou as construções do bairro da Pampulha em Belo Horizonte.

Em sua coleção de fotografias de Brasília há séries sobre o escritório da Air France, por exemplo, o que sugere também que ele prestou serviços para essa empresa. Mas o principal destino de suas fotos de Brasília foi a divulgação em publicações nacionais e

¹ Doutoranda na linha de pesquisa em Teoria, História e Crítica de Arte no programa de pós-graduação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

² Em 2000 e 2001, Ana Luiza Nobre entrevistou Alcides Rocha Miranda, Augusto Carlos da Silva Telles, Haruyoshi Ono, Janine e Olivier Gautherot, Marcos Jaimovich, Oscar Niemeyer e Wladimir Murtinho sobre as atividades de Marcel Gautherot no Brasil.

internacionais como *Módulo – revista de arquitetura e artes plásticas*, *Architecture d'aujourd'hui*, *Aujourd'hui: art et architecture*. Além disso, as fotos integraram diversas exposições de caráter oficial sobre arquitetura brasileira organizadas pela Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores. Essas mostras intineravam pela América Latina, pela Europa e em países orientais.

Desde os anos 1940, a arquitetura moderna brasileira se afirmava como a nova face de um Brasil moderno e desenvolvido, imagem que se acentuou, sobretudo, com o empreendimento da nova capital. Na reportagem “Exposições de arquitetura brasileira”, publicada na *Módulo* n. 13, edição de abril de 1959, o diplomata José Osvaldo de Meira Penna afirma que a arquitetura se tornara o principal instrumento de divulgação do Brasil no exterior. Seu texto demonstra com clareza o status alcançado pela arquitetura moderna brasileira naquela ocasião:

A arquitetura não é apenas uma arte em que nossa contribuição já é universalmente respeitada; em que nos elevamos ao nível dos países mais avançados; em que fornecemos elementos absolutamente originais e de uma beleza e plasticidade admiráveis. Constitui também uma prova de nossa habilidade técnica, da nossa capacidade de organização, de nossa possibilidade de ação coletiva em grandes empreendimentos de caráter material. E mais ainda, um testemunho de nosso modo de vida como expressão do estabelecimento do homem num ambiente tropical. Nesse sentido, talvez a mais legítima manifestação do aparecimento de uma nova civilização dos trópicos.

A partir do pós-guerra, os registros da arquitetura brasileira feitos por Marcel Gautherot tiveram uma ampla circulação internacional. Além das parcerias estabelecidas com Oscar Niemeyer e Roberto Burle Marx, ele fotografou obras de Affonso Eduardo Reidy, Lucio Costa, Alcides da Rocha Miranda, Paulo Antunes Ribeiro, os irmãos Marcelo, Milton e Maurício Roberto. Segundo a pesquisadora Ana Luiza Nobre a qualidade plástica de suas obras contribuiu muito para a divulgação e para a valorização dessa arquitetura, “A ponto de ser difícil pensá-la sem recorrer às imagens de Gautherot.”³

Não é possível saber com precisão quando e quantas vezes Marcel Gautherot esteve Brasília fotografando. As cerca de 3.000 imagens sobre a construção e os primeiros anos da cidade que hoje integram a coleção do Instituto Moreira Salles – fonte dessa pesquisa – não foram datadas pelo fotógrafo. A maior parte do acervo de Gautherot sob os cuidados da instituição está guardada em pranchas de papel cartão nos quais o fotógrafo organizava seus contatos um a um por afinidades temáticas, sem seguir uma ordem cronológica ou algum tipo de seqüência em que as fotos foram tiradas.

Esse conjunto de fotografias inclui registros do aeroporto, do Palácio da Alvorada, Brasília Palace Hotel, do Catetinho e vistas aéreas. O Congresso Nacional, a Esplanada dos Ministérios, a catedral, a Praça dos Três Poderes, o Palácio do Planalto, o Supremo Tribunal Federal, o teatro e a UnB foram registrados durante sua construção e após suas obras ficarem prontas. Gautherot fez uma longa série sobre o canteiro de obras e sobre os acampamentos conhecidos como Sacolândia, onde famílias de operários viviam em casas feitas com sacos de cimento vazio. Há alguns poucos registros da festa de inauguração e séries sobre as super-quadras, o Palácio do Itamaraty e o Palácio da Justiça.

³ NOBRE, Ana Luiza. “A eficácia do corte”. In: GAUTHEROT, Marcel *et al.* *O Brasil de Marcel Gautherot: fotografias*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2001.

Algumas dessas imagens foram divulgadas na *Módulo: revista de arquitetura e artes plásticas*, dirigida por Oscar Niemeyer entre 1955 e 1964, ano em que a sede da revista foi invadida pelos militares.⁴

O corpo de diretores da *Módulo* era composto por nomes como Oscar Niemeyer, Joaquim Cardozo (engenheiro parceiro de Niemeyer), Rodrigo Mello Franco de Andrade (diretor do SPHAN), os arquitetos Marcos Jaimovich e Zenon Lotufo, entre outros. Oscar Niemeyer assinava como diretor responsável pela revista, que se caracterizou, sobretudo, como um espaço de divulgação dos projetos desse arquiteto.

Entre dezembro de 1956 quando foi publicada a edição número 6 da revista e dezembro de 1958, quando foi publicada a *Módulo* número 11, os principais projetos de Oscar Niemeyer para a nova capital do Brasil foram capa e tema de todos os números do periódico, com exceção da *Módulo* 8, uma edição especial sobre o plano piloto, onde foram divulgados o edital do concurso e todos os projetos concorrentes, com destaque para o projeto vencedor de Lucio Costa, que foi capa da revista. A partir de 1959, embora tenham deixado de protagonizar os assuntos tratados na revista, os projetos de Brasília continuaram a ser um tema freqüente de matérias e textos.

A princípio, esses projetos eram divulgados por meio de fotos de maquetes e desenhos de Niemeyer. No segundo semestre de 1958, quando as primeiras edificações da capital começaram a ficar prontas (o Palácio da Alvorada e o Brasília Palace Hotel) e as obras do eixo monumental e residencial estavam a todo vapor, surgiram as primeiras fotos de Brasília na revista, sendo muitas delas de Marcel Gautherot.

As imagens raramente eram creditadas individualmente, sendo que os fotógrafos colaboradores eram mencionados em conjunto no expediente da revista. Gautherot era um colaborador assíduo. Seu nome figura em quase todos os números da publicação.

Antes das imagens de Brasília, Gautherot já havia aparecido com destaque na *Módulo* em matérias sobre as carrancas do rio São Francisco (*Módulo* 3, dez. 1955), sobre a capoeira (*Módulo* 6, dez. 1956), e na matéria “A Natureza faz escultura” (*Módulo* 7, fev. 1957), onde suas fotos de troncos são acompanhadas por um texto de Flávio de Aquino, que compara as formas das árvores enquadradas por Gautherot com esculturas de artistas modernos como Maria Martins.

Módulo é uma revista de arquitetura e artes plásticas, como indica claramente seu título. O nome faz referência ao modular, a medida padrão baseada nas proporções humanas desenvolvida pelo arquiteto francês Le Corbusier como referência para suas criações arquitetônicas. Embora predominem matérias de divulgação de projetos e textos sobre arquitetura e urbanismo, a revista publicava também textos e notícias sobre artistas plásticos e exposições, tendo comentado as produções de uma gama variada de artistas tais como Di Cavalcanti, Alfredo Cechiatti, Mary Vieira, Lygia Clark e Maria Martins. Publicou também textos sobre a celeuma entre concretos e neoconcretos, em 1959, e sobre o Congresso Extraordinário da Associação Internacional de Críticos de Arte, ocorrido em 1959 em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, organizado a partir do tema “Brasília, síntese das artes.”

A referência às artes plásticas no título da revista não se refere apenas à divulgação de obras e eventos relacionados às artes visuais, mas também ao argumento de que a

⁴ A revista voltou a ser publicada entre 1975 e 1989, período que extrapola os interesses deste estudo.

arquitetura é uma arte plástica, idéia que aparece em diversos textos de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Joaquim Cardozo divulgados na revista.

No texto “O arquiteto e a sociedade contemporânea”, publicado na *Módulo* n. 2, edição de agosto de 1955, Lucio Costa afirma que o arquiteto é “técnico, sociólogo e artista” e que a ênfase da arquitetura brasileira contemporânea está no “problema da qualidade plástica e do conteúdo lírico e passional da obra arquitetônica”, que, para ele, é “aquilo que haverá de sobreviver no tempo, quando funcionalmente já não for mais útil.” O autor defende a legitimidade da intenção plástica de toda arquitetura considerando que essa finalidade é o que distingue a arquitetura da simples construção. Outro argumento importante do artigo é a afirmação do potencial democrático da indústria.

Em diversas oportunidades, Niemeyer também defendeu a idéia de que o arquiteto não era apenas um técnico, mas um artista. No texto “Forma e função na arquitetura” publicado na *Módulo* 21, dez. 1960, ilustrado com uma fotografia de Marcel Gautherot, o arquiteto explica:

Considero que uma obra de arquitetura, para assumir a categoria de obra de arte propriamente dita, precisa como condição básica apresentar um conteúdo mínimo de criação, ou seja, uma contribuição pessoal do arquiteto. Sem isso, ele se limita a uma repetição das formas e soluções conhecidas, de escolas que aos poucos vão se tornando clássicas e superadas.

(...) Sou a favor de uma liberdade plástica quase ilimitada, liberdade que não se subordina servilmente às razões de determinadas técnicas ou funcionalismo, mas que constitua em primeiro lugar um convite à imaginação, às coisas novas e belas, capazes de surpreender e emocionar pelo que representam de novo e criador, liberdade que possibilita – quando desejável, às atmosferas de êxtase, de sonho e poesia.

Sempre atento à escala humana, em suas fotos Gautherot enfatiza o sentido monumental e a plasticidade da obra de Oscar Niemeyer. No contexto da revista, suas imagens ilustram “adequadamente” tanto as matérias de sentido mais técnico cujo objetivo é apresentar os projetos, quanto os textos críticos que trazem considerações de ordem estética e depoimentos de Niemeyer sobre Brasília. Esses últimos muitas vezes se configuravam como narrativas de teor heróico, emotivo, e um tanto idealizadoras do empreendimento, enfatizando a fraternidade entre técnicos, operários e autoridades. O caráter de ilustração das fotos é acentuado pela aplicação de uma película colorida sobre sua superfície, de forma a integrá-las ao projeto gráfico da revista.⁵

Na edição número 15 da revista, em outubro de 1959, as fotos de Gautherot acompanham um poema de Joaquim Cardozo sobre a construção da cidade. Aqui seu nome é publicado junto às fotos, o que demonstra um reconhecimento da importância da autoria da imagem, atitude rara no meio artístico e editorial da época. Nessas páginas, assim como a arquitetura e a construção ganham uma dimensão poética, o status da fotografia também vai além do mero registro.

Nas fotos de Gautherot que ilustram o poema, as estruturas de ferro dos prédios da esplanada dos ministérios parecem estar suspensas no ar, como se surgissem espontaneamente, de modo que o trabalho dos operários, vistos de longe, parece leve. No

⁵ Grande parte dos projetos gráficos da *Módulo* eram assinados por Arthur Lício Pontual de Goebel Weyne.

canteiro de obras, a composição enfatiza os aspectos formais dos materiais de construção, que são mostrados em série formando seqüências ritmadas.